

Difusão do Conhecimento Através das Diferentes Áreas da Medicina 2

Lais Daiene Cosmoski
(Organizadora)



Difusão do Conhecimento Através das Diferentes Áreas da Medicina 2

Lais Daiene Cosmoski
(Organizadora)



2019 by Atena Editora
Copyright © Atena Editora
Copyright do Texto © 2019 Os Autores
Copyright da Edição © 2019 Atena Editora
Editora Chefe: Profª Drª Antonella Carvalho de Oliveira
Diagramação: Natália Sandrini
Edição de Arte: Lorena Prestes
Revisão: Os Autores



Todo o conteúdo deste livro está licenciado sob uma Licença de Atribuição Creative Commons. Atribuição 4.0 Internacional (CC BY 4.0).

O conteúdo dos artigos e seus dados em sua forma, correção e confiabilidade são de responsabilidade exclusiva dos autores. Permitido o download da obra e o compartilhamento desde que sejam atribuídos créditos aos autores, mas sem a possibilidade de alterá-la de nenhuma forma ou utilizá-la para fins comerciais.

Conselho Editorial

Ciências Humanas e Sociais Aplicadas

Profª Drª Adriana Demite Stephani – Universidade Federal do Tocantins
Prof. Dr. Álvaro Augusto de Borba Barreto – Universidade Federal de Pelotas
Prof. Dr. Alexandre Jose Schumacher – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Mato Grosso
Prof. Dr. Antonio Carlos Frasson – Universidade Tecnológica Federal do Paraná
Prof. Dr. Antonio Gasparetto Júnior – Instituto Federal do Sudeste de Minas Gerais
Prof. Dr. Antonio Isidro-Filho – Universidade de Brasília
Prof. Dr. Constantino Ribeiro de Oliveira Junior – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Profª Drª Cristina Gaio – Universidade de Lisboa
Prof. Dr. Deyvison de Lima Oliveira – Universidade Federal de Rondônia
Prof. Dr. Edvaldo Antunes de Farias – Universidade Estácio de Sá
Prof. Dr. Eloi Martins Senhora – Universidade Federal de Roraima
Prof. Dr. Fabiano Tadeu Grazioli – Universidade Regional Integrada do Alto Uruguai e das Missões
Prof. Dr. Gilmei Fleck – Universidade Estadual do Oeste do Paraná
Profª Drª Ivone Goulart Lopes – Istituto Internazionale delle Figlie de Maria Ausiliatrice
Prof. Dr. Julio Candido de Meirelles Junior – Universidade Federal Fluminense
Profª Drª Keyla Christina Almeida Portela – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Mato Grosso
Profª Drª Lina Maria Gonçalves – Universidade Federal do Tocantins
Profª Drª Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte
Prof. Dr. Marcelo Pereira da Silva – Universidade Federal do Maranhão
Profª Drª Miranilde Oliveira Neves – Instituto de Educação, Ciência e Tecnologia do Pará
Profª Drª Paola Andressa Scortegagna – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Profª Drª Rita de Cássia da Silva Oliveira – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Profª Drª Sandra Regina Gardacho Pietrobon – Universidade Estadual do Centro-Oeste
Profª Drª Sheila Marta Carregosa Rocha – Universidade do Estado da Bahia
Prof. Dr. Rui Maia Diamantino – Universidade Salvador
Prof. Dr. Urandi João Rodrigues Junior – Universidade Federal do Oeste do Pará
Profª Drª Vanessa Bordin Viera – Universidade Federal de Campina Grande
Prof. Dr. Willian Douglas Guilherme – Universidade Federal do Tocantins

Ciências Agrárias e Multidisciplinar

Prof. Dr. Alexandre Igor Azevedo Pereira – Instituto Federal Goiano
Prof. Dr. Antonio Pasqualetto – Pontifícia Universidade Católica de Goiás
Profª Drª Daiane Garabeli Trojan – Universidade Norte do Paraná
Profª Drª Diocléa Almeida Seabra Silva – Universidade Federal Rural da Amazônia
Prof. Dr. Écio Souza Diniz – Universidade Federal de Viçosa
Prof. Dr. Fábio Steiner – Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul
Profª Drª Girlene Santos de Souza – Universidade Federal do Recôncavo da Bahia
Prof. Dr. Jorge González Aguilera – Universidade Federal de Mato Grosso do Sul
Prof. Dr. Júlio César Ribeiro – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro
Profª Drª Raissa Rachel Salustriano da Silva Matos – Universidade Federal do Maranhão
Prof. Dr. Ronilson Freitas de Souza – Universidade do Estado do Pará
Prof. Dr. Valdemar Antonio Paffaro Junior – Universidade Federal de Alfenas

Ciências Biológicas e da Saúde

Prof. Dr. Benedito Rodrigues da Silva Neto – Universidade Federal de Goiás
Prof. Dr. Edson da Silva – Universidade Federal dos Vales do Jequitinhonha e Mucuri
Profª Drª Elane Schwinden Prudêncio – Universidade Federal de Santa Catarina
Prof. Dr. Gianfábio Pimentel Franco – Universidade Federal de Santa Maria
Prof. Dr. José Max Barbosa de Oliveira Junior – Universidade Federal do Oeste do Pará
Profª Drª Magnólia de Araújo Campos – Universidade Federal de Campina Grande
Profª Drª Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte
Profª Drª Vanessa Lima Gonçalves – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Profª Drª Vanessa Bordin Viera – Universidade Federal de Campina Grande

Ciências Exatas e da Terra e Engenharias

Prof. Dr. Adélio Alcino Sampaio Castro Machado – Universidade do Porto
Prof. Dr. Alexandre Leite dos Santos Silva – Universidade Federal do Piauí
Profª Drª Carmen Lúcia Voigt – Universidade Norte do Paraná
Prof. Dr. Eloi Rufato Junior – Universidade Tecnológica Federal do Paraná
Prof. Dr. Fabrício Menezes Ramos – Instituto Federal do Pará
Prof. Dr. Juliano Carlo Rufino de Freitas – Universidade Federal de Campina Grande
Profª Drª Neiva Maria de Almeida – Universidade Federal da Paraíba
Profª Drª Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte
Prof. Dr. Takeshy Tachizawa – Faculdade de Campo Limpo Paulista

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP) (eDOC BRASIL, Belo Horizonte/MG)	
D569	Difusão do conhecimento através das diferentes áreas da medicina 2 [recurso eletrônico] / Organizadora Lais Daiene Cosmoski. – Ponta Grossa, PR: Atena Editora, 2019. – (Difusão do conhecimento através das diferentes áreas da medicina; v. 2) Formato: PDF Requisitos de sistema: Adobe Acrobat Reader Modo de acesso: World Wide Web Inclui bibliografia ISBN 978-85-7247-881-6 DOI 10.22533/at.ed.816192312 1. Medicina – Pesquisa – Brasil. 2. Saúde - Brasil. 3. Diagnóstico. I. Cosmoski, Lais Daiene. II. Série. CDD 610.9
Elaborado por Maurício Amormino Júnior – CRB6/2422	

Atena Editora
Ponta Grossa – Paraná - Brasil
www.atenaeditora.com.br
contato@atenaeditora.com.br

APRESENTAÇÃO

Cada vez mais percebemos, que no mundo da ciência, principalmente da área da saúde, nenhuma profissão trabalha sozinha, é necessário que vários profissionais estão envolvidos e engajados em conjunto, prezando pela, prevenção, diagnóstico e tratamento de diversas patologias, visando sempre a qualidade de vida da população em geral.

A Coletânea Nacional “Difusão do Conhecimento Através das Diferentes Áreas da Medicina” é um *e-book* composto por 4 volumes artigos científicos, que abordam relatos de caso, avaliações e pesquisas sobre doenças já conhecidas da sociedade, trata ainda de casos conforme a região demográfica, onde os locais de realização dos estudos estão localizados em nosso país, trata também do desenvolvimento de novas tecnologias para prevenção, diagnóstico e tratamento de algumas patologias.

Abordamos também o lado pessoal e psicológico dos envolvidos nos cuidados dos indivíduos, mostrando que além dos acometidos pelas doenças, aqueles que os cuidam também merecem atenção.

Os artigos elencados neste *e-book* contribuirão para esclarecer que ambas as profissões desempenham papel fundamental e conjunto para manutenção da saúde da população e caminham em paralelo para que a para que a ciência continue evoluindo para estas áreas de conhecimento.

Desejo a todos uma excelente leitura!

Lais Daiene Cosmoski

SUMÁRIO

CAPÍTULO 1	1
MIOCARDIOPATIA DE TAKOTSUBO: UM RELATO DE CASO	
Yago de Lima Barrozo	
Marcos Vinícius da Silva Araújo	
Rodrigo Lucas Severiano Vieira	
Ana Flávia de Holanda Veloso	
Guilherme Almeida Fontenele	
Juan Forte Sampaio Gomes	
Vanessa Nobre Veras	
Raul de Amorim Felipe	
DOI 10.22533/at.ed.8161923121	
CAPÍTULO 2	10
MODALIDADES TERAPÊUTICAS NO TRATAMENTO DA DOR DO MEMBRO FANTASMA	
Mariana Batista da Silva	
Aline Silva Florêncio	
Alzilane do Nascimento de Lima	
Amanda Maria das Graças de Farias Silva	
Ana Paula Lucas Mendonça Almeida	
Gabrielly Lais de Andrade Souza	
Italo Rocemberg de Moura Xavier	
Jordana Abdalla Batista	
José Daniel do Nascimento	
Sâmara Aline Brito Brainer	
Talita Correia do Amaral	
Tatiane Simonica da Silva	
DOI 10.22533/at.ed.8161923122	
CAPÍTULO 3	16
NEFROPATIA DIABÉTICA: DISTÚRBIOS NEURAIS E VASCULARES	
Rafael Cícero de Lima e Silva	
Rafael Nóbrega Cavalcante	
Beatriz Guedes	
Giovanna Cecília Freitas Alves de Arruda	
Lucas Emanuel Carvalho Cavalcante	
Lucas Muller dos Santos Oliveira	
Mariana de Fatima Alves Ribeiro	
Mariella Ribeiro Wanderley Araújo	
Sarah Raquel Martins Rodrigues	
Thaís Regina de Souza Lins Nascimento Ribeiro	
Talyta Laís de Abreu Pereira	
Wilberto Antônio de Araújo Neto	
DOI 10.22533/at.ed.8161923123	
CAPÍTULO 4	18
PAPEL DOS MARCADORES BIOQUÍMICOS CHO-M, NAA E CR NA FISIOPATOLOGIA E DIAGNÓSTICO DOS GLIOMAS	
Pedro Hidekatsu Melo Esaki	
Marcos Masini	
Rodrigo Siguenza Saquicela	
Rafael Luiz Alcântara Nascimento Amorim	
Rômulo Di Tomaso Pereira Milhomem	
Vitor Brandão de Araújo	

Cleide Caroline Barbosa
Francielly Marques Leite
Isadora Leonel de Paiva
Gabriella Leonel de Paiva

DOI 10.22533/at.ed.8161923124

CAPÍTULO 5 26

PREDIÇÃO DE COMPLICAÇÕES EM CIRURGIA BARIÁTRICA: REVISÃO SISTEMÁTICA

Claudinalle Farias Queiroz de Souza
Starch Melo de Souza
Josemberg Marins Campos
Paulo Jorge Leitão Adeodato
Magdala de Araújo Novaes

DOI 10.22533/at.ed.8161923125

CAPÍTULO 6 38

SMOKING INCREASES PREVALENCE OF CHRONIC PERIODONTITIS IN INDIVIDUALSWITH
CHRONIC KIDNEY DISEASE

Cristiane Oliveira de Souza
Rogério Baumgratz de Paula
Isabel Cristina Gonçalves Leite
Letícia Martins de Paiva
Giovanna César Caruso
Júlia Azevedo Bahia
Jessica do Amaral Bastos

DOI 10.22533/at.ed.8161923126

CAPÍTULO 7 53

PREVALÊNCIA DE TRANSTORNOS MENTAIS COMUNS EM PACIENTES COM TONTURA

Wallace Lima Habib Bomfim
Marcílio Ferreira Marques Filho

DOI 10.22533/at.ed.8161923127

CAPÍTULO 8 66

PREVENÇÃO DE FIBRILAÇÃO ATRIAL PÓS-OPERATÓRIA

Gustavo Henrique Belarmino Góes
Filipe Domingos Beisl Oliveira
Caroline Bernardi Fabro
Lucyeli Luna Lopes de Amorim
Dário Celestino Sobral Filho

DOI 10.22533/at.ed.8161923128

CAPÍTULO 9 70

PROCEDIMENTO OPERACIONAL PADRÃO PARA EXAMES RADIOLÓGICOS REALIZADOS EM
LEITOS DE UNIDADES DE INTERNAÇÃO HOSPITALAR

Alyson Marcos gelsleichter
Andréa Huhn
Dorival Menegaz Nandi

DOI 10.22533/at.ed.8161923129

CAPÍTULO 10 83

QUALIDADE DE VIDA NOS PACIENTES COM FIBRILAÇÃO ATRIAL

Gustavo Henrique Belarmino Góes
Johnny Dreher Folle

Lucyeli Luna Lopes de Amorim
Caroline Bernardi Fabro
Dário Celestino Sobral Filho

DOI 10.22533/at.ed.81619231210

CAPÍTULO 11 87

RELATO DE CASO: CORISTOMA NEUROMUSCULAR EM REGIÃO SUBESCAPULAR

Victor Batista Da Silva Neto
Phellipe Ramos Accioly
Lara Matos Rodrigues
Andreza Dias De Souza Parente
Janine Fernandes Rocha
Lucas Pazolinni Viana Rocha

DOI 10.22533/at.ed.81619231211

CAPÍTULO 12 92

RELEVÂNCIA TRANSLACIONAL DE INDICADORES DO METABOLISMO DE GRUPAMENTOS METILA EM GLIOMA

Giselle Marianne Faria
Aline Casimiro Gomes
Bruno Lima Pessoa
Clóvis Orlando da Fonseca
Thereza Quírico-Santos

DOI 10.22533/at.ed.81619231212

CAPÍTULO 13 113

RISCO DE ACIDENTE VASCULAR ENCEFÁLICO EM MULHERES JOVENS RELACIONADO AO USO DO CONTRACEPTIVO ORAL

Mikaela Aparecida de Oliveira Xavier
Luciene Pereira Coelho de Azevedo

DOI 10.22533/at.ed.81619231213

CAPÍTULO 14 120

SEGURANÇA CIRÚRGICA: AÇÃO EDUCATIVA COM ACADÊMICOS DE ENFERMAGEM

Maria Helane Rocha Batista Gonçalves
Lara Lídia Ventura Damasceno
Maria Wikaelle Marinho Sousa
Juliana Alencar Moreira Borges
Ana Zaiz Flores Hormain Teixeira de Carvalho
Meysa Quezado de Figueiredo Cavalcante Casadevall
Aline de Souza Pereira
Thais Marques Lima

DOI 10.22533/at.ed.81619231214

CAPÍTULO 15 131

TÉCNICAS DE FISIOTERAPIA EM CRIANÇAS PORTADORES DE PARALISIA CEREBRAL COM FRAQUEZA MUSCULAR RESPIRATÓRIA: UMA REVISÃO INTEGRATIVA DA LITERATURA

Emanuel Fernandes Ferreira da Silva Júnior
Anny Karolainy Silva de Lima
Erivaldo Gomes da Silva
Maria Carolina Moura de Oliveira
Catarina Souza Ferreira Rattes Lima

DOI 10.22533/at.ed.81619231215

CAPÍTULO 16 139

TETRAPLEGIA E PARAPLEGIA: A IMPORTÂNCIA DA ENFERMAGEM NA ORIENTAÇÃO ENTRE CUIDADORES, FAMILIARES E EQUIPE INTERDISCIPLINAR

Italo Rocemberg de Moura Xavier
Aline Silva Florêncio
Ana Paula Lucas Mendonça Almeida
Edlainy Andrade Gomes
Gabriela Oliveira Cavalcanti
José Daniel do Nascimento
Karla Simone de Brito Brock
Laryssa Grazielle Feitosa Lopes
Mariana Batista da Silva
Nadja Nayara Albuquerque Guimarães Sousa
Raissa Wiviane Nunes dos Santos Sousa
Thamyris Vieira de Barros

DOI 10.22533/at.ed.81619231216

CAPÍTULO 17 145

TOFACITINIB NO TRATAMENTO DE DERMATITE ATÓPICA COM PRURIDO CRÔNICO

Maria Luisa Silva Reinaux
Maria Teresa Pereira da Silva
Ana Carolina de Carvalho Correia

DOI 10.22533/at.ed.81619231217

CAPÍTULO 18 151

TREINO DE ATIVIDADES DINÂMICAS EM LESÃO CEREBRAL: CASO CLÍNICO

Luana da Silva Fortes
Victória Maria Silva Machado
Adriana Cavalcanti de Macêdo Matos

DOI 10.22533/at.ed.81619231218

CAPÍTULO 19 156

ULTRASSONOGRRAFIA ENCEFÁLICA UTILIZADA EM CIRURGIAS DE RESSECÇÃO DE METÁSTASE CEREBRAL AVALIADA PELO ÍNDICE DE KARNOFKY

Pedro Hidekatsu Melo Esaki
Marcos Masini
Vitor Brandão de Araújo
Rafael Luiz Alcântara Nascimento Amorim
Willyclay Jordan dos Santos Borges
João Pedro Cavalcante Roriz Teixeira
Tatiana Paranhos de Campos Ribeiro
Joaquim Alberto Barbosa Mariano de Castro
Larissa Neves Cordeiro Gomes
Rômulo Di Tomaso Pereira Milhomem

DOI 10.22533/at.ed.81619231219

CAPÍTULO 20 164

UTILIZAÇÃO DE INCRETINAS NO TRATAMENTO DA DIABETES MELLITUS TIPO 2

Ducivânia da Silva Tenório
Eliza Wedja Santos de Sales
Jamicelly Rayanna Gomes da Silva
Maria Eduarda Silva Amorim
Camilla Isabella Ferreira Silva
Stéphanie Camilla Vasconcelos Tavares
Nayane Monalys Silva de Lima

Aline de Moura Borba
Viktória Júlya Alves de Albuquerque
Joanne Cordeiro de Lima Couto
Cynthia Gisele de Oliveira Coimbra
Risonildo Pereira Cordeiro

DOI 10.22533/at.ed.81619231220

CAPÍTULO 21 176

O PAPEL DA ENFERMAGEM FRENTE AO PACIENTE ACOMETIDO POR ALZHEIMER

Manoel Felipe Nunes da Rocha
Germana Maria dos Santos
Leandra Josefa dos Santos
Gabrielly Laís de Andrade Souza
Silvana de Oliveira Lima Silva

DOI 10.22533/at.ed.81619231221

CAPÍTULO 22 185

SAÚDE DO HOMEM UNIVERSITÁRIO: ANÁLISE DOS COMPORTAMENTOS RELACIONADOS À SEGURANÇA NO TRÂNSITO E VIOLÊNCIAS ENTRE ESTUDANTES DE UMA INSTITUIÇÃO PÚBLICA BRASILEIRA

Luís Paulo Souza e Souza
Aline Laís de Souza Silva
Sara de Lacerda Caldas Silva
Paulla Machado D'Athayde
Izabella Vitor Lopes
Jade Chartone Eustáquio
Michelle Venâncio dos Santos
Maurício Santana de Melo
Gabriel Nogueira de Paiva Aguiar
Tamara Figueiredo

DOI 10.22533/at.ed.81619231222

SOBRE A ORGANIZADORA..... 198

ÍNDICE REMISSIVO 199

SAÚDE DO HOMEM UNIVERSITÁRIO: ANÁLISE DOS COMPORTAMENTOS RELACIONADOS À SEGURANÇA NO TRÂNSITO E VIOLÊNCIAS ENTRE ESTUDANTES DE UMA INSTITUIÇÃO PÚBLICA BRASILEIRA

Data de aceite: 19/11/2019

Luís Paulo Souza e Souza

Universidade Federal de São João del-Rei (UFSJ), Departamento de Medicina, *campus* Dom Bosco. São João del-Rei, Minas Gerais, Brasil.

Aline Laís de Souza Silva

Universidade Federal de São João del-Rei (UFSJ), Curso de Graduação em Medicina, *campus* Dom Bosco. São João del-Rei, Minas Gerais, Brasil.

Sara de Lacerda Caldas Silva

Universidade Federal de São João del-Rei (UFSJ), Curso de Graduação em Medicina, *campus* Dom Bosco. São João del-Rei, Minas Gerais, Brasil.

Paula Machado D'Athayde

Universidade Federal de São João del-Rei (UFSJ), Curso de Graduação em Medicina, *campus* Dom Bosco. São João del-Rei, Minas Gerais, Brasil.

Izabella Vitor Lopes

Universidade Federal de São João del-Rei (UFSJ), Curso de Graduação em Medicina, *campus* Dom Bosco. São João del-Rei, Minas Gerais, Brasil.

Jade Chartone Eustáquio

Universidade Federal de São João del-Rei (UFSJ), Curso de Graduação em Medicina, *campus* Dom Bosco. São João del-Rei, Minas Gerais, Brasil.

Michelle Venâncio dos Santos

Universidade Federal de São João del-Rei

(UFSJ), Curso de Graduação em Medicina, *campus* Dom Bosco. São João del-Rei, Minas Gerais, Brasil.

Maurício Santana de Melo

Universidade Federal de São João del-Rei (UFSJ), Curso de Graduação em Medicina, *campus* Dom Bosco. São João del-Rei, Minas Gerais, Brasil.

Gabriel Nogueira de Paiva Aguiar

Universidade Federal de São João del-Rei (UFSJ), Curso de Graduação em Medicina, *campus* Dom Bosco. São João del-Rei, Minas Gerais, Brasil.

Tamara Figueiredo

Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG), Programa de Pós-Graduação em Saúde do Adulto. Belo Horizonte, Minas Gerais, Brasil.

RESUMO: Este estudo objetivou caracterizar os comportamentos sobre segurança no trânsito e violências entre estudantes do sexo masculino de uma Universidade Pública Brasileira. Pesquisa transversal com amostra representativa de 375 universitários em Minas Gerais, entre setembro de 2018 a maio de 2019, utilizando questionário validado. Investigaram-se características sobre uso de cinto de segurança e capacete; andar de carro com o motorista alcoolizado; carregar arma; violências interpessoal e autodirigida. Apesar

de porcentagens expressivas dos entrevistados demonstrarem bons comportamentos, destacam-se aqueles considerados como de risco, enfatizando que 38,9% e 78,4% nem sempre usam o cinto de segurança no banco dianteiro e no banco traseiro do carro, respectivamente. Quanto ao uso do capacete, considerando o último ano, 1,9% e 71,5% nem sempre usaram quando andaram de moto e de bicicleta, respectivamente. Apesar de maior parte não ter andando em veículo conduzido por motorista que ingeriu bebida alcoólica, 42,9% informaram que passaram por esta situação no último mês. Ainda, 5% dos alunos carregaram arma de fogo ou faca no último mês. Sobre envolvimento em briga física no último ano, 9,1% se envolveu, no mínimo, uma vez. A prevalência de ideação suicida nos últimos 12 meses foi igual a 18% e a tentativa de suicídio igual a 3,2%. Na comparação segundo faixa etária e período no curso, não houve diferença estatística, demonstrando que tais comportamentos se apresentam de maneira uniforme entre os investigados. Torna-se importante reconhecer este grupo como mais expostos a certos comportamentos de risco, a fim de criar estratégias para promoção da saúde.

PALAVRAS-CHAVE: Saúde do Homem; Comportamentos de Risco à Saúde; Universidades; Acidentes de Trânsito; Violência.

UNIVERSITY MAN'S HEALTH: ANALYSIS OF BEHAVIORS RELATED TO TRAFFIC SAFETY AND VIOLENCE AMONG STUDENTS OF A BRAZILIAN PUBLIC INSTITUTION

ABSTRACT: This study aimed to characterize the behavior of traffic safety and violence among male students of a Brazilian public university. Cross-sectional research with a representative sample of 375 university students in Minas Gerais, from September 2018 to May 2019, using a validated questionnaire. Characteristics were investigated on the use of safety belts and helmets; ride a car with the drunk driver; load weapon; interpersonal and self-directed violence. Although expressive percentages of respondents demonstrate good behaviors, those considered as risk are highlighted, emphasizing that 38,9% and 78,4% do not always use the seat belt in the front seat and in the rear seat of the car, respectively. Regarding the use of the helmet, considering the last year, 1,9% and 71,5% did not always used when they rode bike and bicycle, respectively. Although most of them did not walk in a vehicle driven by a driver who ingested alcoholic beverages, 42,9% reported that they had undergone this situation in the last month. Still, 5% of the students carried a firearm or a knife in the last month. About involvement in physical quarrels in the last year, 9,1% was involved at least once. The prevalence of suicidal ideation in the last 12 months was equal to 18% and the attempted suicide was equal to 3,2%. In the comparison according to age group and period in the course, there was no statistical difference, demonstrating

that these behaviors are uniformly present among the investigated ones. It is important to recognize this group as more exposed to certain risky behaviors in order to create strategies for health promotion.

KEYWORDS: Men's Health; Health Risk Behaviors; Universities; Accidents, Traffic; Violence.

1 | INTRODUÇÃO

É consenso na literatura que homens - comparados com as mulheres - apresentam riscos distintos para numerosos problemas de saúde, sendo demonstrados através de indicadores epidemiológicos. Além dos aspectos sociais, étnicos, biológicos, tem-se a adoção de comportamentos que podem aumentar ou diminuir estes riscos à saúde (SOUZA e SOUZA *et al.*, 2014; MOURA; GOMES; PEREIRA, 2017; ALMEIDA; BENEDITO; FERREIRA, 2019).

Quando se avalia a população de homens universitários, é importante reconhecer que este grupo apresenta demandas particulares em saúde que devem ser explicitadas para, então, serem atendidas. A inserção da população jovem no ambiente universitário é um fenômeno complexo e preocupante permeado por vulnerabilidades (FARIA; GANDOLFI; MOURA, 2014), que se associam à adoção de comportamentos de risco para saúde como: uso e abuso de álcool, tabaco e outras drogas; falta de segurança no trânsito; violência contra si e terceiros, entre outros (FERRO; GAYA; JÚNIOR, 2014; SILVA *et al.*, 2017; ALMEIDA; BENEDITO; FERREIRA, 2019).

Dentre estes comportamentos, destacam-se aqueles relacionados à segurança no trânsito e aos episódios de violências. Mundialmente, dados atuais da Organização Mundial da Saúde (OMS) mostram que, aproximadamente, 1,35 milhão de pessoas morrem a cada ano em decorrência de acidentes no trânsito. Quando se avalia a idade, as lesões ocorridas no trânsito são a principal causa de morte entre crianças e jovens de cinco a 29 anos. Na análise por sexo, os homens são mais propensos a se envolver em acidentes de trânsito. Eles apresentam quase três vezes mais chances de morrer em acidentes de trânsito do que mulheres jovens. Mais da metade de todas as mortes no trânsito ocorrem entre jovens do sexo masculino com menos de 25 anos (OMS, 2018).

Diversos fatores estão envolvidos na ocorrência dos acidentes de trânsito, tais como condições ambientais, infraestrutura viária insegura, condições dos veículos e os fatores humanos, os quais envolvem cumprimento insuficiente das normas/leis de trânsito - velocidade insegura; não utilização de capacetes para motociclistas e de cintos de segurança e sistemas de retenção para crianças nos carros; direção distraída; condução sob influência de álcool e outras substâncias (JAFARPOUR;

RAHIMI-MOVAGHAR, 2014; OMS, 2018).

Em relação aos comportamentos violentos, estudos mostram que envolvimento em brigas e carregar arma de fogo ou facas têm sido maiores entre homens universitários quando comparados às mulheres (FERRO; GAYA; JÚNIOR, 2014). Desta forma, por ser um fenômeno sócio-histórico, acompanhada de experiência da humanidade, a violência torna-se um problema de saúde pública porque afeta a saúde individual e coletiva, e para sua prevenção, exige formulação de políticas específicas e organização de práticas e de serviços peculiares (MASCARENHAS *et al.*, 2017).

Importante ressaltar a influência dos contextos sociais, formados pelas variações culturais e étnicas; por famílias e pares; por gênero; e, também, pelas escolas/universidades diante destes quadros. Analisar como se apresentam os comportamentos adotados por homens jovens universitário é de essencial, a fim de mapear fatores de risco que fomentem políticas públicas nos diversos âmbitos da sociedade para minimizá-los (SILVA *et al.*, 2017).

Assim, este estudo objetivou caracterizar os comportamentos relacionados à segurança no trânsito e às violências interpessoal e autodirigida entre estudantes do sexo masculino de uma universidade pública brasileira.

2 | METODOLOGIA

Trata-se de um estudo epidemiológico, transversal e descritivo, com uma amostra representativa de estudantes do sexo masculino de uma universidade federal situada em Minas Gerais, região Sudeste do Brasil.

Foram selecionados alunos dos cursos de graduação presenciais das unidades educacionais (campi) situadas na cidade sede da universidade em questão. O método de seleção da amostra foi por amostragem probabilística por conglomerados e estratificada em dois estágios. No primeiro, todos os alunos e alunas foram divididos segundo as áreas do conhecimento, seguindo a classificação do Ministério da Educação (BRASIL, 2017), tendo sido sorteado por amostra aleatória simples cursos de cada área do conhecimento. Consideraram-se apenas os cursos presenciais, pois nos cursos na modalidade à distância, o acesso e aplicação do questionário dificultariam a realização do estudo. Assim, ficaram elegíveis 35 cursos; destes, o número total de alunos de ambos os sexos matriculados era de 2.501. Para cálculo da amostragem no segundo estágio, considerou-se apenas o número de alunos do sexo masculino nos cursos sorteados (1.334). Considerou-se uma prevalência máxima esperada de 50%, nível de confiança de 95% e margem de erro de 5%. Após a correção pelo efeito do desenho *deff* igual a dois e acréscimo de 20% para taxa de não resposta, determinou-se uma amostra mínima de 359 alunos. Todavia,

participaram do estudo 375 universitários.

Para responder ao questionário, aplicado em sala de aula, os alunos teriam de ser enquadrar nos seguintes critérios: ter idade igual ou superior a 18 anos; ser do sexo masculino, sendo homem cissexual; ser aluno regular do curso. Como exclusão, considerou-se: não se encontrar na sala durante a aplicação do questionário; ser aluno em disciplina eletiva, sem vínculo regular com a universidade.

A coleta ocorreu entre setembro de 2018 a maio de 2019, nos turnos da manhã, tarde e noite, face a face, utilizando o questionário *National College Health Risk Behavior Survey* (NCHRBS), desenvolvido pelo *Center Disease Control and Prevention* (CDC) dos Estados Unidos, já validado no Brasil por Franca e Colares (2010). Para este artigo, foram utilizadas as questões sobre segurança e violência como demonstradas na Tabela 1. A análise dos dados foi feita no programa (Stata) versão 13.0. A caracterização da amostra foi realizada por meio do cálculo das frequências absolutas e relativas. A fim de investigar se existiam diferenças dos comportamentos entre os entrevistados, foi realizado teste de comparação considerando faixa etária (18 a 20 anos; 21 ou mais anos); período no curso (anos iniciais – 1º ao 4º semestre/período; anos finais – 5º ao 12º semestre/período). Assim, realizou-se o teste de qui-quadrado de Pearson, considerando nível de significância estatística de 5%.

O estudo foi aprovado pelo Comitê de Ética em Pesquisa da Universidade Federal de São João del-Rei, parecer número 2.597.457 (CAAE: 80352517.7.0000.5151). Todos os participantes assinaram o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE).

3 | RESULTADOS

A Tabela 1 traz os comportamentos sobre segurança no trânsito e violências interpessoal e autodirigida entre os estudantes.

Variáveis	Total (n = 375)		Faixa etária (anos)				Período no curso				*p-valor	*p-valor	
			18 – 20 (n = 125)		≥ 21 (n = 250)		Anos iniciais (n = 218)		Anos finais (n = 157)				
	n	%	n	%	n	%	n	%	n	%			
Frequência de uso do cinto de segurança no banco dianteiro do carro												0,099	0,809
Nem sempre	146	38,9	56	44,8	90	36,0	86	39,5	60	38,2			
Sempre	229	61,7	69	55,2	160	64,0	132	60,5	97	61,8			
Frequência de uso do cinto de segurança no banco traseiro do carro												0,594	0,782
Nem sempre	294	78,4	100	80,0	194	77,6	172	78,9	122	77,7			
Sempre	81	21,6	25	20,0	56	22,4	46	21,1	35	22,3			

Frequência de uso de capacete em motocicleta nos últimos 12 meses							0,482				0,434
Não andou de moto	74	19,7	29	23,2	45	18,0		47	21,5	27	17,2
Nem sempre	07	1,9	02	1,6	05	2,0		03	1,4	04	2,5
Sempre	294	78,4	94	75,2	200	80,0		168	77,1	126	80,3
Frequência de uso de capacete em bicicleta nos últimos 12 meses							0,896				0,934
Não andou de bicicleta	91	24,2	29	23,2	62	24,8		53	21,3	38	24,2
Nem sempre	268	71,5	90	72,0	178	71,2		155	71,1	113	72,0
Sempre	16	4,3	06	4,8	10	4,0		10	4,6	06	3,8
Andar em veículo no qual o motorista (entrevistado ou outra pessoa) havia consumido bebida alcoólica, nos últimos 30 dias							0,336				0,120
Nenhuma vez	214	57,1	78	62,4	136	54,4		134	61,5	80	51,0
1-3 vezes	117	31,2	34	21,2	83	33,2		62	28,4	55	35,0
≥ 4 vezes	44	11,7	13	10,4	31	12,4		22	10,1	22	14,0
Dias que carregou uma arma de fogo ou faca (sem considerar como atividade do trabalho), nos últimos 30 dias							0,704				0,736
Nenhum	356	94,9	119	95,2	237	94,8		206	94,5	150	95,5
1-3 dias	10	2,6	04	3,2	06	2,4		07	3,2	03	1,9
≥ 4 dias	09	2,4	02	1,6	07	2,8		05	2,3	04	2,6
Envolvimento em briga física nos últimos 12 meses							0,964				0,661
Nenhuma vez	341	90,9	114	91,2	227	90,8		196	89,9	145	92,4
1 vez	27	7,2	09	7,2	18	7,2		17	7,8	10	6,3
≥ 2 vezes	07	1,9	02	1,6	05	2,0		05	2,3	02	1,3
Ideação suicida nos últimos 12 meses							0,105				0,774
Sim	67	18,0	28	22,4	39	15,6		40	18,4	27	17,2
Não	308	82,2	97	77,6	211	84,4		178	81,6	130	82,8
Tentativa de suicídio nos últimos 12 meses							0,534				0,229
Sim	12	3,2	05	4,0	07	2,8		09	4,1	03	1,9
Não	363	96,8	120	96,0	243	97,2		209	95,9	154	98,1

Tabela 1 - Variáveis sobre segurança no trânsito e violências interpessoal e autodirigida segundo faixa etária e período no curso de graduação entre estudantes do sexo masculino de uma universidade pública brasileira. Minas Gerais, Brasil, 2019.

Importante destacar desta tabela aqueles comportamentos considerados como de risco, destacando que 38,9% e 78,4% nem sempre usam o cinto de segurança no banco dianteiro e no banco traseiro do carro, respectivamente. Quanto ao uso do capacete, considerando o último ano, 1,9% e 71,5% nem sempre usaram o dispositivo quando andaram de moto e de bicicleta, respectivamente. Apesar de maior parte não ter andando em veículo conduzido por motorista que ingeriu bebida alcoólica, 42,9% informaram que passaram por esta situação no último mês. Ainda, 5% dos alunos carregaram arma de fogo ou faca no último mês. Em relação ao envolvimento em briga física no último ano, 9,1% se envolveu, no mínimo, uma vez.

Observa-se que não houve diferença estatística dos comportamentos entre os grupos analisados (faixa etária e período no curso de graduação), demonstrando que tais comportamentos se apresentam de maneira uniforme entre os investigados.

4 | DISCUSSÃO

O estudo em questão demonstrou que 61,7% (n= 229) dos entrevistados sempre usam cinto de segurança no banco dianteiro e 21,6% (n=81) sempre usam o cinto no banco traseiro. Dados da Pesquisa Nacional de Saúde (PNS), com adultos brasileiros de ambos os sexos em 2013, mostram que 50,2% dos entrevistados utilizam cinto no banco traseiro e 79,4% no banco dianteiro (BRASIL, 2015). Estudos com universitários, apesar de não trazerem a distinção entre traseiro e dianteiro, apresentam prevalências semelhantes às encontradas em nosso estudo, como os realizados em Minas Gerais, com 65,3% (LIMA *et al.*, 2018) e em Sergipe, com 67,9% (ARAÚJO *et al.*, 2016). Ainda de acordo com a PNS (2013), adultos com ensino superior completo apresentam percentuais maiores do uso de cinto segurança, o que pode fortalecer nossos achados: apesar de não apresentar diferença estatística, observamos que os estudantes dos períodos finais apresentavam um percentual de uso maior de cinto de segurança dianteiro (61,8%) quando comparado aos alunos dos anos iniciais (60,5%); e de uso do cinto no banco traseiro, 22,3% entre os anos finais e 21,1% entre os estudantes dos primeiros períodos. Ou seja, os alunos com idades mais avançadas apresentarem menores comportamentos de riscos relacionados ao uso do cinto de segurança.

Em relação à frequência do uso de capacete ao andar de motocicleta excluindo os participantes que referiram não ter praticado essa atividade nos últimos 12 meses (19,7%; n=74), 97,6% (n=294) indicaram que sempre fazem o uso desse equipamento. Resultado semelhante foi encontrado no estudo desenvolvido com 902 acadêmicos da Universidade Estadual de Montes Claros, norte de Minas Gerais, em que 94,9% dos universitários do sexo masculino indicaram fazer o uso do capacete (LIMA *et al.*, 2018).

Por outro lado, observamos uma baixa prevalência no uso de capacetes entre os participantes que conduziram bicicletas nos últimos 12 meses, sendo que apenas 5,6% (n=16) indicaram utilizar sempre o equipamento. Estudos por todo o Brasil demonstram que o emprego de equipamentos de segurança entre os ciclistas é baixo (SOUSA; BAHIA; CONSTANTINO, 2016; SILVA, 2016; OLIVEIRA DOS SANTOS *et al.*, 2019). Em contrapartida, o número de acidentes entre esse grupo vem aumentando significativamente. Uma pesquisa realizada em serviços de urgência e emergência situados em 24 capitais e no Distrito Federal apontou que dentre os acidentados, os homens apresentaram maiores chances de serem vítimas ao trafegarem de bicicleta, quando comparados às mulheres (SOUSA; BAHIA; CONSTANTINO, 2016).

Alguns autores apontam fatores responsáveis pela baixa prevalência no uso dos equipamentos de proteção individual (EPI) entre os ciclistas, Oliveira dos

Santos *et al.* (2019) referem que, para muitos, o uso de alguns EPI é considerado estético ou decorativo e o uso de capacete é visto como essencial somente para os motociclistas. Tavares *et al.* (2019) apontam o menor acesso à renda como outro fator que dificulta a aquisição e a manutenção dos EPI. É importante ponderar este último dado ao considerar o público universitário, visto que grande parte tem como principal fonte de renda os pais ou familiares.

Segundo a Política Nacional de Atenção Integral à Saúde do Homem (PNAISH), as causas externas, entre elas os acidentes de transporte, devem receber maior atenção, já que o predomínio dos óbitos do sexo masculino é devastador. Observa-se que 82% dos óbitos em acidentes de transporte terrestre são de homens, em geral, jovens (BRASIL, 2009). O relatório “*Trânsito: um olhar da saúde para o tema*”, publicado em 2018 pela Organização Pan-Americana da Saúde (OPAS), evidenciou que o uso correto de um capacete apropriado pode resultar em 40% de redução do risco de morte e em até 70% de redução do risco de lesão grave (OPAS, 2018).

O uso de álcool associado à direção está relacionado a um expressivo volume de acidentes de trânsito. E quando se trata de jovens do sexo masculino, constatam-se alto percentual de envolvimento nos acidentes em que a bebida alcoólica estava presente (NASCIMENTO; MENANDRO, 2016). Essa direção sob uso de álcool, além de trazer riscos para o motorista, traz prejuízos para os acompanhantes, os quais são vítimas potenciais do efeito dessa substância.

Considerando a variável andar em veículo no qual o motorista havia consumido bebida alcoólica nos últimos 30 dias, 57,1% (n= 214) dos entrevistados afirmaram andar nenhuma vez, 31,2% (n=117) de uma a três vezes e 11,7% (n=44) mais que 4 vezes. Números semelhantes ao encontrado no *I Levantamento Nacional sobre os padrões de consumo de álcool na população brasileira*, em 2007, no qual 45% dos homens já foram carona de motoristas alcoolizados (BRASIL, 2007); e um pouco maior que o apresentado pelo *I Levantamento Nacional sobre o Uso de Álcool, Tabaco e Outras Drogas entre Universitários das 27 Capitais Brasileiras*, em 2010, que encontrou prevalência de 27% (BRASIL, 2010).

Estudo similar realizado com estudantes de educação física demonstrou que 64,3% deles já haviam andado em veículos dirigidos por motoristas alcoolizados, sendo que os estudantes do período integral apresentaram uma prevalência menor (39,1%) comparados aos de período noturno (49,3%) (BELÉM *et al.*, 2016). Este resultado foi semelhante ao apresentado em nosso estudo, no qual 28,6% (n=47) dos estudantes de período integral andaram uma a três vezes com indivíduos sob uso de álcool e 33,2% (n=70) de período não integral; e 9,2% (n=15) mais de 4 vezes; 13,7% (n=29) do período não integral.

No que concerne à violência interpessoal, a OMS aponta que a violência é a quarta maior causa de morte entre jovens de 10 e 29 anos. Cerca de 200 mil jovens

nessa faixa etária morrem assassinados por armas de fogo e brigas a cada ano, sendo que 83% das vítimas são do sexo masculino (OMS, 2015). No Brasil, em geral, a violência vitima o dobro de homens em relação às mulheres, e ao triplo, quando se considera a faixa de 20 a 39 anos, sendo o público mais vulnerável à violência, seja como autor ou como vítima (BRASIL, 2009).

Quando questionados sobre ter carregado uma arma de fogo ou faca nos últimos 30 dias, 5,0% dos participantes relataram este comportamento (sendo que 2,6 % carregou entre 1 a 3 dias; e 2,4% em 4 ou mais dias). Em estudo realizado em Aracaju e região metropolitana, verificou-se uma prevalência de 3,5% para todo o grupo; sendo 1,7% entre as meninas e 6,5% entre os meninos (SOARES, 2016). A Pesquisa Nacional de Saúde do Escolar (PeNSE) sobre situações de violência vivenciadas por escolares brasileiros apontou aumento da prevalência de brigas em que alguém usou arma de fogo (4,0% em 2009 para 5,6% em 2015) e arma branca (6,1% em 2009 para 8,2% em 2015), sendo que os alunos do sexo masculino apresentaram maiores relatos (PINTO *et al.*, 2018).

Com relação à variável envolvimento em brigas nos últimos 12 meses, 90,9% (n=341) dos entrevistados responderam nenhuma vez, valor que se aproxima dos encontrados em pesquisas realizadas anteriormente: 93,6% no estudo de Lima *et al.* (2018) e 85,6% na pesquisa Belém *et al.* (2016). Apesar de estes estudos terem avaliados alunos de ambos os sexos, a literatura aponta que a frequência de envolvimento em brigas muda de acordo com o contexto cultural, e que os homens tendem a se envolverem mais em brigas (MALTA *et al.*, 2014).

A maior prevalência do porte de armas e do envolvimento em brigas entre os homens pode ser explicada a partir das diferenças socioculturais em relação aos papéis de gênero, em que as armas são utilizadas para materializar o poder e a submissão dos outros no exercício da masculinidade hegemônica, relacionada à virilidade, competição e agressividade. Esses processos de socialização têm o potencial de envolverem os homens em episódios de violência, naturalizando-a (BRASIL, 2009; MALTA *et al.*, 2014; PINTO *et al.*, 2018).

No que se refere à presença de ideação suicida, nos últimos 12 meses, esse comportamento de risco estava presente em 18% (n=67) dos entrevistados. Numa revisão feita por Moreira e Bastos (2015), considerando o período dos últimos 12 meses, os autores encontraram taxas de ideação suicida variando entre 5,3 até 45% - vale destacar que os estudos analisados por Moreira e Bastos (2015) consideraram universitários de ambos os sexos. Desta forma, reforça-se que a prevalência encontrada aqui pode ter a influência do recorte de sexo, uma vez que estudos apontam que os homens tendem a ter menores prevalências de ideação e tentativa de suicídio que as mulheres, sejam universitários(as) ou não (RUDATSIKIRA *et al.*, 2007; PEREIRA; CARDOSO, 2015; BRASIL, 2018; HUANG *et al.*, 2019). Autores

debatem que a explicação para isso seria que na adolescência ou nas fases mais jovens, as mulheres apresentem maiores índices de depressão e de desesperança do que os homens (DUTRA, 2012; HUANG *et al.*, 2019).

No que se refere à relação entre a idade e a ideação suicida, maior proporção foram observadas entre os estudantes na faixa etária de 18 a 20 anos apresentaram maior prevalência de ideação suicida (n=28; 22,4%), contudo, não houve diferença estatística em relação aos estudantes mais velhos. Todavia, autores debatem que entre os jovens na faixa etária de 10 a 24 anos, o suicídio foi a segunda causa de morte, justificando que os mais jovens ou adolescentes apresentam comportamentos impulsivos e suicidas visando à solução de seus problemas (DUTRA, 2012; FRANCO *et al.*, 2017). Em contrapartida, estudos também apontam resultados contrários, ou seja, a ideação suicida aumenta à medida que a idade avança (RUDATSIKIRA *et al.*, 2007; MAIMON; BROWNING; BROOKS-GUNN, 2010).

O estudo em questão apresentou a prevalência de tentativa de suicídio (TS) de 3,2% (considerando os últimos 12 meses). Um relatório realizado com universitários dos Estados Unidos demonstrou TS no último ano em 0,8% dos estudantes; 0,3% nas últimas duas semanas (AMERICAN COLLEGE HEALTH ASSOCIATION, 2011). Já no Brasil, em uma pesquisa realizada com 637 estudantes de psicologia, na cidade de Natal, Rio Grande do Norte, 7,5% dos entrevistados haviam tentado se matar (DUTRA, 2012). No que se refere à prevalência de TS no sexo masculino, foram encontradas prevalências de 69% em cinco Universidade de Bogotá (FRANCO *et al.*, 2017); 66,7% na Colômbia (SEPÚLVEDA; PEREZ; VALENCIA, 2016); e 1,2% em Brasília (ALMEIDA; BENEDITO; FERREIRA, 2019).

A associação de fatores como a separação do núcleo familiar, o aumento das responsabilidades, o preconceito, o estresse acadêmico, as questões socioeconômicas, intensificadas pelo uso problemático de substâncias e perturbações nas condutas alimentares, que são enfrentados em especial por universitários, podem causar tais instabilidades emocionais e físicas. Como consequência a esses altos níveis de ansiedade, há uma maior prevalência de quadros depressivos entre estudantes universitários em comparação com a população geral, como também há um aumento igual nas taxas de tentativas de suicídios (BAADER *et al.*, 2014; ALMEIDA *et al.*, 2019).

5 | CONCLUSÃO

Este estudo evidenciou que os jovens universitários do sexo masculino adotam diversos comportamentos de risco como: não utilizar cinto de segurança adequadamente; andar com motoristas alcoolizados; carregar armas de fogo e

envolvimento em brigas e outras situações de violência. Por isso, são fundamentais novas pesquisas que abranjam a população masculina universitária e que busquem refletir sobre os comportamentos de risco em saúde neste grupo, a fim de fomentar políticas específicas e organização de práticas e de serviços peculiares para melhoria da qualidade de vida e mudança do perfil de morbimortalidade.

Por fim, os novos padrões de comportamentos de saúde resultantes da intersecção das relações de gênero, raça/etnia e classe do estudante têm se tornado uma realidade a ser trabalhada pela universidade. Assim, são de extrema importância estratégias que potencializem a área de saúde do homem e possam prover, além de medidas preventivas, atividades que auxiliem em mudanças culturais e sociais nessa população.

REFERÊNCIAS

ALMEIDA, H.M.D.S; BENEDITO, M.H.A; FERREIRA, S.B. Quebrando tabus: os fatores que levam o suicídio entre universitários. **Revista de Pesquisa Interdisciplinar**, [S.l.], v.2, p.647-659, 2019.

AMERICAN COLLEGE HEALTH ASSOCIATION (ACHA). **National College Health Assessment II: Reference group executive summary**. Hanover, USA: Spring; 2011.

ARAÚJO D.C. *et al.* Suicídio inconsciente: reflexo do comportamento de risco no trânsito. **Revista de Enfermagem da UFPE**, v.10, n.11, p.3823-30, 2016.

BAADER M, T. *et al.* Diagnóstico de la prevalencia de trastornos de la salud mental en estudiantes universitarios y los factores de riesgo emocionales asociados. **Revista chilena de neuro-psiquiatria**, v.52, n.3, p.167-176, 2014.

BELÉM I.C *et al.* Associação entre comportamentos de risco para a saúde e fatores sociodemográficos em universitários de educação física. **Motricidade**, v.12, n.1, p.3-16, 2016.

BRASIL. Secretaria Nacional Antidrogas. **I Levantamento Nacional sobre os padrões de consumo de álcool na população brasileira**. Brasília: Secretaria Nacional Antidrogas, 2007.

BRASIL. Ministério da Saúde. **Política Nacional de Atenção Integral à Saúde do Homem: princípios e diretrizes**. Brasília: Ministério da Saúde, 2009.

BRASIL. Secretaria Nacional de Políticas sobre Drogas (SENAD). **I Levantamento Nacional sobre o Uso de Álcool, Tabaco e Outras Drogas entre Universitários das 27 Capitais Brasileiras**. Brasília: SENAD, 2010.

BRASIL. Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE). **Pesquisa Nacional de Saúde. Acesso e utilização dos serviços de saúde, acidentes e violências: Brasil, grandes regiões e unidades da federação**. Rio de Janeiro: IBGE; 2015.

BRASIL. Ministério da Educação. Fundação Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior. **Tabela de Áreas de Conhecimento/Avaliação**. Brasília: Ministério da Educação, 2017.

BRASIL. Ministério da Saúde. **Prevenção do suicídio: sinais para saber e agir**. Brasília: Ministério da Saúde, 2018.

- DUTRA, E. Suicídio de universitários: o vazio existencial de jovens na contemporaneidade. **Estudos e Pesquisas em Psicologia**, v.12, n.3, p.924-937, 2012.
- FARIA, Y.O.; GANDOLFI, L.; MURA, L.B.A. Prevalência de comportamentos de risco em adulto jovem e universitário. **Acta Paulista de Enfermagem**, v.27, n.6, p.591-595, 2014.
- FRANCA, C.; COLARES, V. Validação do National College Health Risk Behavior Survey para utilização com universitários brasileiros. **Ciência & Saúde Coletiva**, v.15, suppl.1, p.1209-1215, 2010.
- FRANCO, S.A. *et al.* Suicídio en estudiantes universitarios en Bogotá, Colombia, 2004–2014. **Ciência & Saúde Coletiva**, v.22, n.1, p.269-278, 2017.
- HUANG, Y. *et al.* Association between personality traits and risk of suicidal ideation in Chinese university students: Analysis of the correlation among five personalities. **Psychiatry Research**, v.272, p.93-99, 2019.
- JAFARPOUR, S.; RAHIMI-MOVAGHAR, V. Determinants of risky driving behavior: a narrative review. **Medical Journal of The Islamic Republic of Iran**, v.6, n.28, p.142, 2014.
- LIMA, C.A.P. *et al.* Prevalência de comportamento de risco em uma população de universitários brasileiros. **Psicologia, Saúde & Doenças**, v.19, n.2, p.278-292, 2018.
- MAIMON, D.; BROWNING, C.; BROOKS-GUNN, J. Collective Efficacy, Family Attachment, and Urban Adolescent Suicide Attempts. **Journal of Health and Social Behavior**, v.51, n.3, p.307-324, 2010.
- MALTA, D.C. *et al.* Situações de violência vivenciadas por estudantes nas capitais brasileiras e no Distrito Federal: resultados da Pesquisa Nacional de Saúde do Escola (PeNSE 2012). **Revista Brasileira de Epidemiologia**, v.17, suppl.1, p.158-171, 2014.
- MASCARENHAS, M.D.C. *et al.* Violência cometida por pessoa conhecida - Brasil, 2013. **Ciência & Saúde Coletiva**, v.22, n.11, p.3763-3772, 2017.
- MOREIRA, L.C.O.; BASTOS, P.R.H.O. Prevalência e fatores associados à ideação suicida na adolescência: revisão de literatura. **Psicologia Escolar e Educacional**, v.19, n.3, p.445-453, 2015.
- MOURA, E.C.; GOMES, R.; PEREIRA, G.M.C. Percepções sobre a saúde dos homens numa perspectiva relacional de gênero, Brasil, 2014. **Ciência & Saúde Coletiva**, v.22, n.1, p.291-300, 2017.
- NASCIMENTO, A.S.; MENANDRO, P.R.G. Relatos de policiais militares sobre a “Lei Seca”. **Psicologia: Ciência e Profissão**, v.36, n.2, p.411-425, 2016.
- OLIVEIRA DOS SANTOS, R.L. *et al.* Prevalência do uso de equipamentos de proteção individual e acidentes em usuários de bicicletas em São Paulo. **Revista Ciencias de la Salud**, v.17, n.1, p.9-17, 2019.
- ORGANIZAÇÃO MUNDIAL DE SAÚDE (OMS). **Relatório Mundial Sobre a Prevenção da Violência 2014**. Núcleo de Estudos da Violência da Universidade de São Paulo: OMS, 2015.
- ORGANIZAÇÃO MUNDIAL DE SAÚDE (OMS). **Global status report on road safety 2018**. Genebra: OMS, 2018.
- ORGANIZAÇÃO PAN-AMERICANA DA SAÚDE (OPAS). **Trânsito: um olhar da saúde para o tema**. Brasília: OPAS; 2018.
- PEREIRA, A.; CARDOSO, F. Suicidal Ideation in University Students: Prevalence and Association With School and Gender. **Paidéia**, v.25, n.62, p.299-306, 2015.

PINTO, I.V. *et al.* Tendências de situações de violência vivenciadas por adolescentes brasileiros: Pesquisa Nacional de Saúde do Escolar 2009, 2012 e 2015. **Revista Brasileira de Epidemiologia**, v.21, suppl 1, p.e180014, 2018.

RUDATSIKIRA, E. *et al.* Suicidal ideation and associated factors among school-going adolescents in rural Uganda. **BMC Psychiatry**, v.7, n.67, p.1-6, 2007.

SEPÚLVEDA, P.C.G.; PEREZ, O.A.M.; VALENCIA, J.C.O. Riesgo suicida y factores asociados en estudiantes de Psicología en una Universidad pública de Colombi. **Revista Habanera de Ciencias Médicas**, v.15, n.1, 2016.

SILVA, C.M.R. **Perfil de acidentes envolvendo bicicleta na cidade do Rio de Janeiro**. Dissertação (Mestrado) – Escola Nacional de Saúde Pública Sergio Arouca, Rio de Janeiro, 2016.

SILVA, S.L.C. *et al.* Análise dos principais comportamentos de risco à saúde adotados por homens jovens e universitários. **Id onLine Revista Multidisciplinar e de Psicologia**, v.11, n.38, p.849-866, 2017.

SOARES, N.M.M. **Características sociodemográficas e comportamento de risco à saúde em adolescentes de Aracaju e região metropolitana e revisão sistemática sobre programas de intervenção em atividade física**. Tese (Pós-Graduação em Ciências da Saúde) - Universidade Federal de Sergipe, São Cristóvão, 2016.

SOUSA, C.A.M; BAHIA, C.A; CONSTANTINO, P. Análise dos fatores associados aos acidentes de trânsito envolvendo ciclistas atendidos nas capitais brasileiras. **Ciência & Saúde Coletiva**, v.21, n.12, p.3683-3690, 2016.

SOUZA e SOUZA, L.P. *et al.* Conhecimento de uma equipe da estratégia saúde da família sobre a política de atenção à saúde masculina. **Trabalho, Educação e Saúde**, v.12, n.2, p.291-304, 2014.

TAVARES, F.L. *et al.* Os acidentes de bicicleta no Brasil: uma revisão integrativa. **Revista de Pesquisa: Cuidado é Fundamental**, v.11, n.1, p.263-269, 2019.

SOBRE A ORGANIZADORA

LAIS DAIENE COSMOSKI - Professora adjunta do Centro de Ensino Superior dos Campos Gerais (CESCAGE), nos cursos de Tecnologia em Radiologia e Bacharelado em Farmácia. Analista clínica no Laboratório do Hospital Geral da Unimed (HGU). Bacharel em Biomedicina pelas Universidades Integradas do Brasil (UniBrasil). Especialista em Circulação Extracorpórea pelo Centro Brasileiro de Ensinos Médicos (Cebamed) Mestre em Ciências Farmacêuticas pelo programa de Pós Graduação em Ciências Farmacêuticas da UEPG. Possui experiência com o desenvolvimento de pesquisas na área de avaliação clínico/laboratorial de processos fisiopatológicos.

ÍNDICE REMISSIVO

A

Acidente cerebral vascular 113
Ansiedade 53, 55, 56, 57, 58, 60, 61, 63, 64, 84, 85, 86, 127, 145, 146, 194
Anticoncepção 113
Autocuidado 60, 140, 142, 160, 178, 180

C

Chronic renal insufficiency 38
Cirurgia bariátrica 26, 27, 28, 29
Cirurgia geral 121
Complicações 1, 7, 8, 16, 17, 18, 21, 26, 27, 28, 29, 30, 32, 33, 34, 35, 36, 83, 84, 102, 120, 127, 166, 170, 176, 178, 180, 181, 182
Complicações vasculares 17
Controle da frequência 66, 67, 68, 69, 83, 84, 85
Corpúsculo renal 17
Cuidador 139, 140, 142, 144, 180, 181, 183

D

Depressão 53, 55, 56, 58, 60, 61, 63, 86, 145, 146, 179, 194
Dermatite atópica 145, 146, 147, 148, 149
Diabetes 3, 12, 16, 17, 26, 27, 32, 33, 34, 35, 36, 37, 39, 102, 164, 165, 166, 167, 168, 170, 171, 172, 173, 174, 175
Diabetes mellitus 12, 17, 26, 27, 32, 33, 34, 36, 37, 39, 164, 165, 166, 167, 168, 170, 171, 172, 173, 174, 175
Doença crônica 84, 141
Doença vascular 113
Dor 2, 3, 4, 6, 10, 11, 12, 13, 14, 15, 88, 123, 181

E

Enfermagem perioperatória 121
Espasticidade muscular 151
Espectroscopia por emissão pósitrons 19
Eventos tromboembólicos 84, 113
Exposição à radiação 70

F

Família 95, 123, 139, 140, 142, 144, 145, 146, 173, 177, 180, 181, 183, 197
Fisioterapia 131, 132, 133, 136, 137, 151, 153, 155

G

Gestão da qualidade 70, 79, 81

Glioma 19, 24, 92, 93, 94, 95, 102, 104, 105, 106, 107, 108, 109, 110, 111, 112

Glioma cerebral 19

Grupamentos metila 92, 93, 96, 97, 98, 103, 104

H

Homocisteína 93, 99

I

Incretinas 164, 165, 166, 167, 171, 172, 173, 174, 175

Índice de karnofsky 156

Insulina 165, 166, 167, 168, 170, 171, 172, 173, 174

Isquemia cerebral 67

L

Longevidade 84

M

Membro fantasma 10, 11, 12, 13, 15

Metabolismo 23, 92, 93, 94, 95, 97, 98, 99, 100, 101, 103, 104, 105, 107, 167, 169, 173

Metástase cerebral 156, 157, 158, 161, 163

Mineração de dados 26, 27, 28, 29, 32, 36

Miocardiopatia 1, 2, 8

N

Nefropatia diabética 16, 17

Neurooncologia 19, 21

Neuropatia 16, 17

O

Obesidade 26, 27, 33, 34, 35, 36, 67, 117, 165, 167, 168, 169, 170, 173, 174

P

Paralisia cerebral 131, 132, 133, 135, 137, 138, 151, 152, 153, 154, 155

Paraplegia 139, 140, 141, 142, 143

Periodontitis 38, 39, 40, 50, 51, 52

Perioperatório 67, 120, 123, 127

Polimorfismos do folato 93

Profilaxia 67

Proteção radiológica 70, 71, 72, 73, 74, 76, 78, 79, 80, 81

Prurido crônico 145, 146, 148, 149

R

Reabilitação 15, 131, 137, 140, 141, 143, 144, 151, 155, 183

S

Segurança do paciente 71, 72, 120, 121, 122, 124, 125, 126, 128, 129

Síndrome do coração partido 2

Smoking 38, 39, 40, 41, 45, 46, 47, 48, 49, 50, 51, 52

T

Takotsubo 1, 2, 3, 4, 5, 8, 9

Taquiarritmia 84

Tetraplegia 132, 139, 140, 141, 142, 143

Tofacitinib 145, 146, 147, 148, 149

Tomada de decisão clínica 26, 27, 28, 29

Tontura 53, 54, 55, 56, 57, 58, 59, 60, 61, 62, 63

Transtornos mentais comuns 53, 55, 56, 57, 58, 59, 60, 61, 62, 63, 65

Tratamento 1, 7, 8, 10, 11, 12, 13, 14, 15, 21, 22, 26, 56, 64, 67, 68, 83, 85, 90, 93, 94, 95, 100, 104, 107, 136, 139, 142, 145, 147, 148, 149, 150, 155, 162, 163, 164, 166, 167, 170, 171, 172, 173, 174, 175, 176, 182

Tratamento farmacológico 13, 67, 68

U

Ultrassonografia doppler transcraniana 157, 158

V

Valor preditivo de testes 26, 27

Vertigem 53, 54, 55, 56, 57, 58, 59, 60, 62, 63, 64

